



CAPÍTULO 37

DOI: <https://doi.org/10.58871/ed.academic210823.v1.37>

EXPRESSÃO ARTÍSTICA COMO RECURSO TERAPÊUTICO COM PACIENTES DE CAPS II

ARTISTIC EXPRESSION AS A THERAPEUTIC RESOURCE WITH CAPS II PATIENTS

LAILA THAÍSSA DA SILVA MENEZES

Psicóloga pela Universidade do Estado de Minas Gerais

NATHÁLIA MARTINS DE PAULO CÂNDIDO

Discente da Universidade do Estado de Minas Gerais

ANNA CAROLINA RODRIGUES CHAVES

Discente da Universidade do Estado de Minas Gerais

TELMO RODRIGUES BATISTA FILHO

Discente da Universidade do Estado de Minas Gerais

ALINE SAMARA BASTOS SILVA

Discente da Universidade do Estado de Minas Gerais

VICTORIA LUNA DE OLIVEIRA

Discente da Universidade do Estado de Minas Gerais

BETTIELI BARBOZA DA SILVEIRA

Doutora docente da Universidade do Estado de Minas Gerais

RESUMO

O estudo tem como finalidade evidenciar a expressão artística como recurso terapêutico e político no cuidado de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II. Tratando-se de um relato de experiência (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021) da realização de dois momentos artísticos ocorridos por alunos e profissionais de Psicologia na universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG em parceria com o CAPS II. No Brasil ocupar espaços públicos como a universidade é um direito, todavia, é uma informação pouco conhecida, dessa forma cabe a quem já está nesse espaço criar formas de integrar a comunidade, inclusive pessoas com transtornos psiquiátricos, pois vivem à margem da sociedade. Desse modo, levar os pacientes como artistas no campus é a materialização do pertencimento. A intenção era promover um ambiente que todos se expressassem artisticamente sem julgamentos e sem que qualquer diagnóstico de transtorno fosse o foco, mas sim a arte que cada um comunicava e como reverberava em cada participante presente. Assim, a continuidade de novas apresentações culturais dos usuários do serviço na universidade, possibilitam a articulação com outras instituições. Logo, o presente estudo se torna uma ferramenta para que a partir desse



movimento, outros eventos e projetos sejam pensados, os quais possam usufruir do potencial da arte, do acesso a diferentes lugares de movimentação e da integração do sujeito com seu território.

Palavras-chave: Centro de Atenção Psicossocial; Arte; Saúde Mental.

ABSTRACT

The study aims to highlight artistic expression as a therapeutic and political resource in the care of users of a Center for Psychosocial Care - CAPS II. This is a report of experience (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021) of the realization of two artistic moments occurred by students and professionals of Psychology at the Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG in partnership with CAPS II. In Brazil to occupy public spaces such as the university is a right, however, it is a little known information, so it is up to those who are already in this space to create ways to integrate the community, including people with psychiatric disorders, because they live on the margins of society. Thus, bringing patients as artists on campus is the materialization of belonging. The intention was to promote an environment where everyone expressed themselves artistically without judgments and without any diagnosis of disorder being the focus, but rather the art that each communicated and how it reverberated in each participant present. Thus, the continuity of new cultural presentations of the service users at the university, enable the articulation with other institutions. Soon, the present study becomes a tool so that from this movement, other events and projects can be thought out, which can enjoy the potential of art, access to different places of movement and the integration of the subject with its territory.

Keywords: Center for Psychosocial Care; Art; Mental Health.

1 INTRODUÇÃO

A Reforma Psiquiátrica foi um grande marco em diversos países, como no Brasil, em que houve a regulamentação da Lei 10.216, no ano de 2001, promovendo um direcionamento no discurso sobre a saúde mental na sociedade (BRASIL, 2001). A construção dessa nova visão, ampliou-se as críticas quanto o modelo hospitalocêntrico e médico-centrado empregando nas considerações de transtornos mentais, viabilizando politização e debates socioculturais, acerca de mudanças das práticas institucionais gerando sobre os princípios democráticos (YASUI, 2010). Assim, sucedeu o processo civilizatório diante da ética e o entendimento a respeito das diferenças, promovendo mudanças dentro da rede de saúde, com novas maneiras de serem aplicadas e o formato de assistência dos seus usuários, com a percepção do sofrimento humano e suas complexibilidades (YASUI, 2010).

Segundo Amarante (2007), o Brasil no campo da saúde mental passa por grandes transformações, devido às práticas de exclusão e internações manicomiais, nos quais ao longo dos anos vem sendo substituídos por tratamentos humanizados, com a inserção de vínculos

familiares e sociais. A partir dessa desospitalização, ocorreu a implantação de residências terapêuticas, como os Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS) e os Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Desse modo, o CAPS conforme o Portal do Ministério da Saúde:

São instituições destinadas a acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecer- lhes atendimento médico e psicológico. Sua característica principal é buscar integrá-los a um ambiente social e cultural concreto, designado como seu “território”, o espaço da cidade onde se desenvolve a vida cotidiana de usuários e familiares. Os CAPS constituem a principal estratégia do processo de reforma psiquiátrica (BRASIL, 2004, p.9).

Posto isso, o CAPS constitui como um serviço que favorece a integração do sujeito ao seu território, proporcionando diversas práticas de cuidado com seus pacientes, como: psicoterapia individual; psicoterapia em grupo; oficinas terapêuticas; visitas domiciliares; acompanhamento terapêutico; fracionamento de remédios; consultas psiquiátricas entre outros. Sendo assim, o CAPS atua como veículo da reinserção social de pessoas com transtornos mentais (BRASIL, 2004).

De forma mais específica, as oficinas terapêuticas abrangem recursos das artes com o intuito de desenvolver a participação, comunicação e envolvimento dos usuários, possibilitando melhorias para o avanço do tratamento no CAPS (PICASSO et al., 2020). Ao aplicar esse procedimento, o recurso terapêutico para a saúde mental, se faz necessário para a promoção das habilidades motoras, visuais e especiais; favorecimento nas comunicações; instigação da criatividade e expressão de sentimentos; produção de material suscetível à interpretação (CASTRO; BUENO, 2009). A partir disso, a arte é uma possibilidade de humanização dos cuidados em saúde, sendo tratada de forma subjetiva em diversas maneiras no CAPS, como por exemplo, pintura, desenho, dança, música dentre outros (GALVANESE; NASCIMENTO; D’OLIVEIRA, 2013). Tendo em vista que por meio da arte é capaz de se produzir uma diversidade de subjetividades, transformar os afetos e permitir explorar caminhos que até então eram desconhecidos, além de promover profundas reflexões auxiliando na construção de novos sentidos para o sujeito (BRAZ; ALVES; LARIVOIR, 2020).

A Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) possui vínculo com o CAPS II da cidade, o qual surge a partir de uma parceria com estágios básicos e profissionalizantes. Com o foco na autonomia e desenvolvimento dos estudantes para que aprendam e produzam práticas que contribuam efetivamente para a luta antimanicomial. Criando estratégias para a inserção de usuários do CAPS na comunidade como por exemplo no ambiente acadêmico, podendo

explorar os espaços físicos e simbólicos que a Universidade possui e as oportunidades que pode oferecer a comunidade.

A expressão artística é capaz de estimular nos usuários diversas habilidades como autonomia, autoestima, além de funções psicomotoras e cognitivas. Explorar esses caminhos possibilita o aflorar da criatividade, permitindo que as pessoas consigam se expressar para além das palavras (NALASCO; MARTINS, 2007). Diante disso, ao conceber a arte como um instrumento de transformação, o intuito deste estudo é evidenciar a expressão artística como recurso terapêutico e político no cuidado de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021) da realização de dois momentos artísticos realizados por alunos e profissionais de Psicologia na Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG em parceria com um Centro de Atenção Psicossocial II - CAPS II. Para realização, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEMG, através do parecer número 5.830.083.

O primeiro foi o sarau realizado em dezembro de 2022 em uma sala de aula com entrada permitida apenas para os participantes convidados que foi um pedido dos próprios pacientes como forma de se sentirem mais confortáveis. Já o segundo como forma de ampliação e continuidade da ideia do anterior foi realizada uma apresentação cultural dos usuários do CAPS em maio de 2023 durante um evento na universidade sobre a luta antimanicomial, em um auditório com entrada aberta ao público geral. Em ambos houve ensaios em grupo antes do dia das apresentações como forma de preparação para se sentirem mais seguros e organização dos equipamentos e espaço necessário.

O sarau inaugural intitulado “Subjetividade Partilhada” contou com 20 participantes sendo 13 usuários do CAPS, 5 estagiárias de psicologia e 2 funcionárias do CAPS. Todos se apresentaram artisticamente, sendo diferentes modalidades de arte: mostra de fotografia, dança, poema, apresentação musical com canções autorais ou *covers* e exposição de desenhos autorais. A sala foi organizada em meio círculo e em frente as carteiras montou-se um palco com violão, pedestal, dois microfones, caixa de som, projetor e notebook. Teve duração de 3 horas.

A segunda foi uma apresentação cultural intitulada “Coral Alma Viva” contou em média com 70 pessoas que estavam presentes no auditório no dia do evento e 5 usuários do CAPS se apresentaram no palco que contava com um microfone e caixa de som. Neste tiveram as

seguintes formas de arte: apresentação musical e exposição e venda dos produtos confeccionados. Com duração de 1 hora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ocupando a Universidade

Quando usuários e funcionárias chegaram à Universidade para o primeiro sarau foi realizado um *tour* pelo bloco, pois essa era a primeira vez em uma universidade pública para a maioria dos pacientes. Alguns ficaram surpresos que ali se podia estudar Psicologia e Direito de forma gratuita e Paulo (nome fictício) usou a área de convivência para conhecer alunos de psicologia, diz ter feito novos amigos e que deseja voltar mais vezes, antes mesmo de entrar na sala para o evento. Dentro da comunidade universitária sabe-se que a Universidade pública é um espaço aberto para toda a comunidade, contudo, esse conhecimento não chega para a população.

Ocupar uma universidade pública no Brasil é um direito, contudo, ainda é um conhecimento pouco difundido, dessa forma cabe a quem já está nesse espaço criar formas de integrar a comunidade, inclusive pessoas com transtornos psiquiátricos, pois vivem à margem da sociedade. Rocha (2008) ao discorrer sobre o compromisso social da universidade de construir e socializar conhecimentos e valores que tornem os cidadãos mais participativos e éticos, traz também sobre a horizontalidade e descentralização das ações. Assim, levar os pacientes ao campus é a materialização do pertencimento, colocá-los ali como protagonistas e torna mais viável acreditar que podem retornar como alunos, como artistas e participando de outras atividades propostas, além de fazer novos laços de amizade a partir das visitas.

Na segunda vez na UEMG os usuários já estavam familiarizados, já conheciam alunos, a estrutura do lugar e agora estavam preparados para se apresentarem para um grupo de pessoas maior. Ao chegarem na universidade, os pacientes iniciaram com a venda e exposição dos materiais confeccionados por eles na oficina terapêutica. Dentre os produtos havia bonecas, mandalas e quadros pintados a mão. A venda promoveu interação com os alunos da universidade que estavam presentes, alguns eles já conheciam. Os usuários se mostraram confortáveis e empolgados para apresentar a música ensaiada por eles.

O fazer artístico como protagonista

Com o foco na horizontalidade, o Sarau Subjetividade Partilhada teve a sala organizada em meio círculo e profissionais, estagiárias e pacientes se sentaram intercalados e assim também foi o cronograma de apresentação. Pois, a intenção era promover um ambiente que

todos se expressassem artisticamente sem julgamentos e sem que qualquer diagnóstico de transtorno fosse o foco, mas sim a arte que cada um comunicava e como reverberava em quem estava na roda. Era a primeira vez da maioria dos pacientes apresentando a sua arte para um grupo. Seguindo a ordem de apresentação cada um ia na frente, se identificava e apresentava sua arte e então contava sobre o que significava para si, o processo de criação ou até mesmo algo do passado que relacionava com o momento atual, tudo de forma livre. O grupo participava ativamente cantando junto, com palmas, assim todos se apoiavam. A arte é expansiva e se faz na união em que cada um entrega um pouco de si e se cria algo e único e marca um ponto em comum de todas as pessoas que é a possibilidade de criação e o sarau é uma forma de evidenciar isso (ARNDT; MAHEIRIE, 2021).

Cada participante era livre para apresentar qualquer tipo de arte, o resultado foi variadas formas de arte. Humberto dançou músicas de Michael Jackson e trouxe sobre como ouvir músicas do artista o inspirou a dançar, participou de campeonatos de dança no município quando era adolescente e inclusive ganhou muitos. Ele contou estar feliz em se apresentar novamente depois de tantos anos. Antônio (nome fictício) trouxe para o grupo desenhos autorais que fez sobre o folclore brasileiro e contou a história de cada um e como elas refletiam em sua forma de entender o mundo e suas curiosidades em conhecer sobre o folclore. Já Paulo (nome fictício) apresentou 3 composições autorais pela primeira vez, falou sobre como foi criar melodia, harmonia e as inspirações. Uma Técnica de Referência do CAPS cantou e tocou no violão algumas músicas que aprendeu na sua adolescência e que não tocava mais desde essa época. Se emocionou ao contar da afetividade das músicas e de como estava feliz em se apresentar para todos pois tinha se preparado para viver junto àquele momento.

José (nome fictício) havia dito que não participaria se apresentando, mas ao perceber todos partilhando um pouco de si, pediu para cantar e tocar. Escolheu a música “Chão de Giz” de Zé Ramalho que sensibilizou muitas pessoas do grupo. Depois de recitar um poema que trazia segundo ele seus sentimentos existenciais ele contou que não imaginava que seria tão bom estar ali, que estava receoso porque não participava ainda de atividades em grupo do CAPS e achou que não se sentiria confortável, mas que percebeu que era bom aquele momento. Pediu ainda para que aquele não fosse um Sarau único, mas que se tornasse um evento frequente. Além das apresentações citadas, tiveram mostra de fotografia, diversas apresentações musicais, outras danças e poemas dos participantes.

O pedido de José nos coloca diante de uma questão muito pertinente, alguns projetos feitos com a universidade por vezes têm ação única devido a rotatividade de alunos, de interesse no assunto e que nem sempre tem continuidade. Contudo, a luta antimanicomial e o



engajamento do curso de psicologia na causa se comprometeram a criar oportunidades para que o sarau acontecesse novamente e dessa vez com o objetivo de alcançar mais pessoas, principalmente os que não são usuários e/ou familiares para apreciarem a arte.

Para a apresentação cultural na Universidade foram feitas reuniões com a equipe do CAPS para o planejamento, a coordenadora da oficina de musicalização realizou ensaios com os usuários formando um coral para que os em conjunto se apresentassem no auditório. A oficina de artesanato reuniu artes já finalizadas pelos pacientes como, mandalas feitas de rolo de papel higiênico e/ou de papel reciclável, além de deixá-los livre para criarem outras artes para que ficassem expostas e possibilitasse a venda desses objetos. No dia da foram divididas as funções entre os pacientes, alguns eram responsáveis pela exposição e venda de artesanatos que foram construídos em diversas oficinas ofertadas pela instituição. Como a de artesanato feito pelo grupo misto, e a oficina de geração de renda destinada a mulheres, com o intuito de garantir renda para adquirir mais insumos para a execução de novas oficinas. Além disso, foi realizada uma apresentação do coral com pacientes do serviço, a arte foi uma abertura para a expressão subjetiva de cada um. Após a apresentação, pacientes contaram sobre seu tratamento e a importância da luta antimanicomial. Diante disso, por meio do evento foi possível promover integração ao ambiente acadêmico, trazendo novos olhares visando a humanização e o cuidado em rede.

A reverberação

Vigotski (1925/1998) aponta sobre a potência do fazer artístico coletivo que não se restringe apenas ao momento da partilha que transmite sentimentos e informações, mas que essa arte pode gerar outros sentimentos. Assim, a partir da vivência do sarau cada participante carrega consigo o que sentiu, recebeu e dividiu dos que estavam ali e apoiando-se nisso pode-se abrir para novas ações, novas formas de cuidado, novas experiências e inclusive artísticas. Que foi o que ocorreu, como com Paulo que compartilhou pela primeira vez composições tão íntimas com um grupo, a arte materializou o acesso a um novo lugar. Ele é um paciente que saia pouco de casa indo apenas ao CAPS para participar de oficinas, mas com dificuldades de socialização e na arte se encontrou, visto que agora participa de outras oficinas com mais facilidade, faz parte de um grupo musical no CAPS e o sarau foi um marco importante para sua abertura. Ainda, no início de 2023 participou da conferência municipal de saúde junto com outros artistas da cidade e mais recentemente cantou na apresentação cultural.

A apresentação cultural contou com um coral além de vendas de artesanatos produzidos pelos próprios pacientes fomentando a economia solidária. Assim, observa-se que os usuários

também conseguiram aumentar seu pertencimento dentro da Universidade, uma vez que expandiram suas práticas para além de apresentações, mas também com práticas de economia solidária, a qual se dispõe de trabalhos visando ganhos financeiros e concomitantemente prática de qualidade de vida, além de que:

É antes de qualquer coisa uma opção ética, política e ideológica, que se torna prática quando os optantes encontram os de fato excluídos e juntos constroem empreendimentos produtivos, redes de trocas, instituições financeiras, escolas, entidades representativas, etc, que apontam para uma sociedade marcada pela solidariedade, da qual ninguém é excluído contra vontade (BRASIL, p.11, 2005).

A cada evento realizado que eles ocupam a universidade corrobora para a amplificação de pertencimento na sociedade sem que sejam vistos com o estigma da patologia, mas sim, como indivíduos sociais e exercendo sua cidadania. A materialização desse movimento reverbera para que mais ações aconteçam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reforma psiquiátrica possibilitou a inauguração de novos olhares sobre os fenômenos de saúde mental, ofertas de cuidado e, principalmente, a respeito de novas compreensões referentes ao indivíduo enquanto sujeito possuidor de direitos. O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), enquanto instituição, carrega consigo um panorama de humanização e permite o acesso à saúde de modo integral e multidimensional. Assim, aspectos sociais e culturais estão inclusos no horizonte de um acolhimento atento, em que a reinserção do cidadão ao seu território, bem como a diferentes grupos e locais de movimentação aconteçam e contribuam para com uma forte reverberação que surge a partir destes espaços.

É importante observar que a prática psicológica também é um fazer político no sentido de uma realização que compreende e considera de forma crítica os atravessamentos históricos, políticos, sociais e culturais que se fazem presentes na constituição dos sujeitos. Em como estes vivenciam suas experiências, quais significações dão a essas, e ainda nos modos como são nomeados e tratados no meio em que circulam e até mesmo nos espaços em que se movimentam ou não. Ademais, o acesso dos cidadãos a universidade é um direito e um ato político, questão que tomou contornos mais vívidos com as práticas advindas do sarau e apresentação cultural dos usuários do CAPS, o que evidencia a importância de habitar o social e do pertencimento à comunidade.

Os eventos artísticos foram benéficos para os participantes uma vez que nesses encontros foi possível promover e vivenciar um ambiente de acolhimento e afeto mútuo. Foram



momentos de cuidado através de diferentes expressões artísticas que mostram como a arte é potente, pois permite manifestar o sensível a partir de sua própria arte e da dos outros que também se abrem para sentirem. Baseando-se sempre no cuidado de forma horizontal e não hospitalocêntrica sendo uma forma de romper o tratamento habitual da loucura usando algo em comum a todos que é a possibilidade de criação.

A continuidade de novas apresentações culturais dos usuários do serviço na Universidade, como também a possibilidade de articulação com outras instituições, podem auxiliar na ampliação de circulação nos espaços. Dessarte, esta pesquisa pode servir como inspiração para futuras pesquisas que se interessam pela temática e para estagiários ou profissionais que podem usar a arte como uma estratégia de cuidado em saúde mental grave e proporcionar momentos de cuidado por meio da partilha em grupo levando os pacientes para fora dos muros do CAPS. A partir desse movimento, que outros eventos e projetos sejam pensados, os quais possam usufruir do potencial da arte, do acesso a diferentes lugares de movimentação e da integração do sujeito com seu território, contribuindo para com novas ofertas de cuidado.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. Saúde mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro, RJ: **Fiocruz**, 2007.

ARNDT, A. D. MAHEIRIE, K. Musicoterapia social e comunitária e processos de subjetivação política. **Psicologia & Sociedade**, 33, 2021. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235846>

BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. **Diário Oficial da União**, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2004. 86p.

BRAZ, P. R. ALVES, M. S. LARIVOIR, C. O. P. Significando a arte como recurso terapêutico no cotidiano de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 15623-15640, 2020.

COSCRATO, G., BUENO, S. M. V. A luz da arte nos Centros de Atenção Psicossocial: interface com o cuidado. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, 1 (2), 142-149, 2009.

GALVANESE, A. T. C., NASCIMENTO, A. F., D'OLIVEIRA, A. F. P. L. Arte, cultura e cuidado nos centros de atenção psicossocial. **Revista de Saúde Pública**, 47 (2), 360- 367, 2013.

MUSSI, R. F. de F. FLORES, F. F. ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 1-18, 2021.

NALASCO, Leidismar Fernandes; MARTINS, Denise Luciana de Souza Silva. Reflexões do uso da arte como recurso terapêutico ocupacional. **Revista do Hospital Universitário/UFMA**, v. 8, n. 1, p. 25-27, 2007.

PICASSO, R. SILVA, E, A. ARANTES, D, J. Oficina Terapêutica, Psicologia e arte: experiência de estágio no Centro de Atenção Psicossocial. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 12, n. 3, p. 87-102, dez, 2020.

RAMOS, D, K, R. PAIVA, I, K, S. GUIMARÃES, J. Pesquisa qualitativa no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira: vozes, lugares, saberes/fazer. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 839-852, 2019.

ROCHA, T, H, R, et al. A desinstitucionalização no contexto da reforma psiquiátrica e seus desdobramentos: um relato sobre práticas em um caps. **Vínculo-Revista do NESME**, v. 16, n. 1, p. 1-16, 2019.

ROCHA, J. C. A reinvenção solidária e participativa da universidade: um estudo sobre redes de extensão universitária no Brasil. Salvador: **EDUNEB**, 2008.

VIGOTSKI, L. S. Psicologia da arte. São Paulo: **Martins Fontes**. 1998. (Original publicado em 1925).

YASUI, S. Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: **Fiocruz**; 2010.